

SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR AMADEUS – SESA

FACULDADE AMADEUS – FAMA

CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

TAÍS HELENA JUNQUEIRA CASTRO

**AFETIVIDADE COMO CATALIZADORA DO PROCESSO DE ENSINO
APRENDIZAGEM**

Aracaju SE

2015/1

TAÍS HELENA JUNQUEIRA CASTRO

**AFETIVIDADE COMO CATALIZADORA DO PROCESSO DE ENSINO
APRENDIZAGEM**

**Artigo apresentado à Sociedade de
Ensino Superior Amadeus, da Faculdade
Amadeus como requisito parcial para
obtenção do grau de Licenciatura Plena
em Pedagogia**

**Orientadora: Professora Doutora Maria
Auxiliadora Santos**

Aracaju – SE

2015/1

AGRADECIMENTO

Muitas foram as dificuldades para a conclusão de mais uma etapa de minha vida, mas maiores foram as bênçãos e força obtidas de Deus para que até aqui eu chegasse. Não posso deixar de mencionar o esforço e empenho paciente, cheios de carinho, amor e oração de meu marido para me motivar e me impulsionar na conquista dessa vitória. Se não fosse por ele ter acreditado que eu seria capaz, se meu amado marido não estivesse ao meu lado certamente não teria conseguido. Sei que outras pessoas também foram importantes, mas quero também agradecer aos meus filhos, por entenderem os momentos mais tensos, e minha filha Isabella que além de apoio foi meu braço direito por muitos anos, me poupando de muitos esforços para que eu pudesse estudar. Minha mãe Amélia, que por muitas vezes nos ajudou e sempre esteve em oração por mim e minha família.

À minha professora e orientadora Maria Auxiliadora, que sempre acreditou em meu potencial, e de forma competente e comprometida, dividiu seus conhecimentos, e livros, me guiando nessa trajetória. Obrigada por não desistir e insistir para que eu continuasse. Ao coordenador do curso Willams por sempre se preocupar em como estava o andamento do trabalho, nos dando o apoio necessário.

Muito Obrigada

“A Alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo de busca. E ensinar e aprender não pode dar-se por fora da procura, fora da boniteza e da alegria. ”

Paulo Freire

RESUMO

A presente pesquisa refere-se a influência da afetividade como um fator facilitador no processo de ensino aprendizagem nas series iniciais e ao longo de toda uma vida de estudos e conhecimentos. Partir-se do pressuposto de que a afetividade acompanha o ser humano desde quando ele passa a existir sendo apresentada a concepção do afeto e sua importância no processo de desenvolvimento cognitivo e afetivo. Ao longo de toda a história da educação a preocupação gira em torno de que o aluno agregasse valores cognitivos, tendo-se esquecido dos valores emocionais e da necessidade que se tem de como educadores entendermos também de seres humanos dotados de sentimentos e emoções, de como ajudá-los a lidar com esses sentimentos, necessidade de aprendermos sobre como nos relacionarmos de forma prazerosa, desenvolvendo uma pedagogia afetiva, de forma que o que for ensinado ficara na memória para sempre, de forma intrínseca. Seguiu-se como base de estudos grandes autores e estudiosos no assunto como: Eugênio Cunha, Claudio J. P. Saltini, Ana Rita Silva Almeida, todos embasados nos grandes teóricos: Wallon, Piaget, Paulo Freire e outros. Algumas questões que nortearam essa pesquisa foram: o que é afetividade na visão entre professor e aluno? Existe relação entre a afetividade e o processo de ensino aprendizagem? Será que os professores pós-modernos estão preparados para essas novas gerações X,Y,Z? Sendo a hipótese de trabalho que, os seres humanos desde sempre são dotados de sentimentos e emoções, desta forma por meio da afetividade a criança apresentaria maior desempenho em todo o processo de aprendizagem, e que o professor que inclui em suas práticas pedagógicas a afetividade, motivará e incentivará em seus alunos o desejo em aprender tornando-os reflexivos, capazes de questionarem e decidirem por si mesmo. Portanto, através da pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico, pude constatar que as interações em sala de aula dotadas de afetividade fortalecem o relacionamento entre professores e alunos, criando empatia entre ambos, favorecendo o desejo de ensinar valorizando o ser por meio de uma educação mais humanizada, de forma que o aprender torne-se divertido e prazeroso.

Palavras Chaves: Afetividade, Aprendizagem, aluno, professores

ABSTRACT

This research concerns the influence of affection as a facilitating factor in the teaching-learning process in the initial series and over a lifetime of study and knowledge. Parting than affection assumption accompanies the human being since he happens to be being presented the design of affection and its importance in the cognitive and affective development. Throughout the history of education the concern revolves around the student grossing cognitive values, it has forgotten the emotional values and the need that one has to understand how educators also human beings with feelings and emotions, as help them deal with these feelings, need to learn about how we relate in a pleasant way, developing an affective pedagogy, so that what is taught remained in the memory forever, intrinsically. Followed as the basis for large studies authors and scholars on the subject as: Eugene Cunha, Claudio JP Saltini, Ana Rita Silva Almeida, all founded on the great theoreticians: Wallon, Piaget, Paulo Freire and others. Some questions that guided this research were: What is the vision affection between teacher and student? There is a relationship between affection and teaching-learning process? Will the post-modern teachers are prepared for these new generations X, Y, Z? As a working hypothesis, humans are always provided endowed with feelings and emotions in this way through the affection the child would present higher performance throughout the learning process, and that the teacher who includes in their teaching affection, motivate and encourage in their students the desire to learn making them reflective, capable of questioning and decide for yourself. Therefore, through qualitative research literature nature, I found that the interactions in the classroom equipped with affection strengthen the relationship between teachers and students, creating empathy between them, favoring the desire to teach valuing be through a more humane education so that learning becomes fun and enjoyable.

Key Words: Affection, Learning, students, teachers

1-INTRODUÇÃO

A afetividade constituída como facilitadora do processo ensino aprendizagem pode ser o meio propício no qual o professor estabelece um vínculo de empatia, amizade e respeito com seus alunos, tornando o momento prazeroso para ambos, que serão estimulados a uma busca constante pelo conhecimento. No convívio em sala de aula, entende-se que há uma necessidade de relacionamento, que envolva o afeto, o interesse e respeito pela individualidade de cada aluno, entende-se que a afetividade influencia no cognitivo, pois quando a criança se sente amada, respeitada, valorizada, pelo professor, há um desejo maior em aprender. A criança chega à escola com expectativas, sonhos e desejos, ao deparar-se com um ambiente acolhedor cheio de afeto e novidades, suas emoções são aumentadas fazendo-a sentir o desejo de viver constantemente um pouquinho de tudo o que a está interessando.

Na relação pedagógica podem surgir sentimentos de aversão ou aceitação entre educador e educando, o que interferirá na metodologia, no processo de ensino e aprendizagem, e na relação entre ambos. O professor deve ter uma forma afetiva para recepcionar seu aluno desde o momento da entrada na sala de aula, e durante a apresentação de seu conteúdo procurando manter seu relacionamento com a mesma intensidade do início até o momento final da aula. Deve ser capaz de demonstrar apreciação, respeito e valorização, por meio de um domínio próprio no qual alguns aspectos são importantes como: paciência, tolerância, brandura e amor.

Cada aluno de uma maneira peculiar estará apresentando de forma diversa na sua aprendizagem a afetividade que permeia todo o processo educacional, mas muitas vezes professores se preocupam apenas com o conteúdo e com metodologias modernas, esquecendo que estão lidando com seres humanos, dotados de sentimentos, alguns com seus sentimentos já destruídos ou desvalorizados. Cabe aí, portanto o professor saber fazer a leitura desse aluno para poder tentar ajudá-lo ao máximo possível, tentando resgatar os valores que estão perdidos, e aumentar sua autoestima que poderá estar abalada.

A qualidade do diálogo, demonstração de afeto e devida importância à individualidade de cada aluno criará laços profundos ou antipatias eternas, podendo definir o sucesso ou fracasso da criança. O afeto desempenha um papel essencial no funcionamento da inteligência. Como professores temos que avaliar nossas práxis, se queremos a atenção e relacionamento prazeroso, bem como o controle de uma turma temos que conhecer cada aluno, criando vínculos de amizade, no qual a criança terá o prazer necessário e desejo de vir a escola, procurando

entender suas particularidades, expectativas, desejos, mostrando que são importantes para nós e que desejamos manter um convívio harmonioso.

De acordo com CUNHA (2008 p. 57), o professor deve dar a devida importância ao procurar conhecer seu aluno de forma particular, principalmente no que diz respeito aos estágios de desenvolvimento cognitivo, para que possa utilizar-se de recursos adequados e ao mesmo tempo estimulantes e facilitar, assim, de forma significativa o aprendizado do aluno. Como educadores devemos procurar controlar o tempo, deixando de lado excessos de conteúdo, criando tempo para a comunicação de forma prazerosa e descontraída, um momento separado para que haja empatia, entrosamento entre professor e aluno, não sendo esse um período só do primeiro dia de aula, mas sim parte da aula durante os dias letivos.

Muito se perde chamando a atenção, com discussões, criando um clima de tensão e falta de interesse, tornando a aula um fardo pesado demais para ambos carregarem, onde nem o aluno e muito menos o professor tem o prazer de vir todos os dias, causando uma sensação de mal-estar entre eles. Cabe ao professor buscar o máximo que puder controlar suas emoções, seu descontentamento relacionado à profissão, estresse do cotidiano, correria do dia a dia.

O educador não pode ser aquele que fala horas a fio a seus alunos, mas aquele que estabelece uma relação e um diálogo íntimo com ele, bem como uma afetividade que busca mobilizar sua energia interna. É aquele que acredita que o aluno tem essa capacidade de gerar ideias e coloca-las ao serviço da sua própria vida. (SALTINI, 2008, p.69)

Ainda de acordo com o autor Saltini (2008 p. 69), é dito que o professor, além de conhecimentos teóricos deve buscar conhecer seu aluno, entendê-lo, demonstrando disponibilidade de mudança quando perceber que está cometendo alguns equívocos, pois o professor não é dono do saber, e se faz necessário reconhecer quando existem falhas na sua prática pedagógica, o educador poderá constantemente auto avaliar-se, se possível refletir sobre sua atitude em sala de aula, percebendo se está sendo aceito pelos alunos ou não. O aluno deve ser visto como ser ativo, que deseja aprender de forma significativa, não mero expectador, onde são repassados conteúdo sem a menor preocupação por parte do professor que por muitas vezes chega a acreditar que o indivíduo não seja capaz de refletir, formar suas próprias ideias. Há uma necessidade de entendermos também de seres humanos dotados de sentimentos e emoções, necessidade de aprendermos sobre como nos relacionarmos de forma prazerosa, desenvolvendo uma pedagogia afetiva.

Tudo o que somos ou pelo menos parte do que somos aprendemos no jardim de infância, certamente você se recorda de momentos agradáveis e até indesejáveis desse período, os momentos de choro no portão ao ver a mãe indo embora, o consolo da professora ao te segurar

no colo e dizer que ela voltara para buscá-lo, ou o desprezo da professora ao ignorar seu choro deixando-o ali sozinho. Mas foi ainda no jardim da infância que você aprendeu que era importante respeitar os colegas, dividir os brinquedos, boas maneiras ao dizer: boa tarde, bom dia, obrigada, por nada, por favor, desculpas quando machucava alguém; hábitos de higiene como: lavar as mãos após as refeições, jogar lixo no lixo, escovar os dentes, se limpar ao usar o banheiro, dar descarga ao terminar.

Não foi na universidade que aprendemos que devemos brincar dentro das regras, o que fazer, como ser, e sim no recreio do jardim da infância, foi exatamente isso que aprendemos, compartilhar tudo, não bater nos outros, colocar as coisas de volta no lugar de onde as encontramos, limpar a própria sujeira, não pegar o que não era seu, que uma vida equilibrada é saudável, que pensar um pouco, desenhar, pintar, planejar e trabalhar um pouco todos os dias nos faz muito bem, tirar uma soneca todas as tardes, tomar cuidado com o trânsito, segurar as mãos de alguém e ficar juntos são boas formas de enfrentar o mundo, sem contar da pequena semente que plantamos em um copo de plástico, nem entendíamos como acontecia direito, mas nunca nos esquecemos.

Ao se lembrar do quanto aprendemos e que poderíamos ter aprendido muito mais se talvez tivéssemos sido estimulados, incentivados por meio de um contato maior com os professores, teríamos aprendido que o afeto também é importante que está inserido no contexto escolar, através de uma concepção de educação mais humana. Quantas vezes muitos alunos deixam de ir à escola por não terem conseguido realizar suas tarefas de casa, por medo do que o professor iria dizer, ou a bronca que iria levar a frente dos colegas fazendo passar por constrangimentos perante os colegas de sala, ao passo que não teria esse tipo de sentimento se o educador estivesse estabelecido um vínculo de confiança, ou a criança nem teria esse tipo de problema porque suas dúvidas teriam sido tiradas ainda em sala de aula, e a tarefa de casa não seria difícil a ponto de deixar de fazê-la.

Talvez para o nosso tempo sejam importantes professores que tenham o desejo de assumirem uma nova postura em sala de aula, que de alguma forma possa despertar o desejo, professores que estimulem seus alunos a refletirem e serem participativos, seguros de que estão sendo ouvidas e respeitadas suas ideias. Ao se refletir sobre a afetividade no processo de aprendizagem percebe-se o quanto essa temática passa despercebida ou até mesmo é ignorada por alguns professores. Os efeitos negativos dessa prática podem ser percebidos durante todo o percurso escolar do indivíduo, fato que poderá ser mudado se ao invés de somente tomarmos conhecimentos do assunto fazemos a diferença em nosso ambiente de trabalho. Não conseguiremos mudar o mundo como um todo, mas se cada um realizar seu trabalho desejando

ser a diferença onde estão, certamente algumas crianças deixarão de ser atingidas drasticamente pela falta de afetividade e valorização por aqueles que já fazem parte de suas vidas para sempre.

Nesse estudo foram percorridos aspectos importantes sobre a afetividade dentro de sala de aula, observa-se que há muito tempo existe uma preocupação sobre essa questão. No qual envolve o futuro de uma sociedade como um todo, pensar no contexto de educar para que se tenham indivíduos preparados para seguir adiante em busca de novos conhecimentos que possa levá-los a refletir em que tipo de futuro almeja para si e para os outros no meio em que vive, contribuindo para um progresso mais humano. Este estudo buscou embasamento em estudiosos da educação que tiveram a mesma preocupação e que buscavam o mesmo que nós, a valorização do ser através de uma educação mais humanizada. A afetividade, a emoção a sedução como suportes para algo maior, um ser mais humano.

A preocupação quanto à questão da afetividade não se fundamentou em discutir os aspectos afetivos como determinantes no processo de aprendizagem, mas como um fator facilitador em como trabalhar com a interação entre professor e aluno, buscando contribuições para que a escola seja um ambiente de relações mais agradáveis. Para que o professor conheça bem seus alunos, é necessário que não negligenciem os aspectos afetivos. É importante refletir sobre a importância da afetividade em sala de aula, de modo que os alunos possam ser compreendidos, aceitos e respeitados, que os professores possam entender seus sentimentos. É preciso ter sensibilidade para ouvi-los, dialogar com eles e apoiá-los para que busquem superar as suas dificuldades. A afetividade não é apenas transmitir conhecimento, mas dar oportunidade do aluno aprender, e buscar suas próprias verdades, para isso devemos utilizar de vários meios, entre eles destaca-se aqui o afeto, para que o aluno tenha prazer em estudar. O afeto derruba muralhas emocionais, rompe bloqueios psicológicos e proporciona aos alunos o bem-estar.

Devido à correria do dia a dia, a cobrança no qual o professor é submetido em cumprir o conteúdo escolar, faz com que deixem de se sensibilizarem com seus alunos, passando por cima do aspecto afetivo, para muitos talvez possa parecer uma fraqueza, ou que estariam perdendo sua autoridade diante de seus alunos, perdendo então, o controle emocional. Há os que não sabendo lidar com esse controle emocional, passa a exercer algum tipo de autoridade representando seu poder, agindo de tal forma que os alunos se sentem obrigados, amedrontados, executando as tarefas sem um entendimento do por que daquilo.

Os objetivos desse trabalho visou a busca nas principais obras educacionais e pedagógicas, como Wallon, Piaget, Vigotsky, Paulo Freire referências sobre a afetividade no processo de aprendizagem, e possíveis influencia durante esse período infantil; assim como analisar e apresentar uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico e os benefícios de uma

relação estabilizada emocionalmente entre professores e crianças nos anos iniciais do ensino fundamental estendendo ao longo de seus anos e para todo o tempo desse processo de aprendizagem.

Sendo assim a proposta desse trabalho é o de desvelar a afetividade como catalizadora do processo de ensino aprendizagem. Revelar o aspecto afetivo existente em sala de aula na relação entre professor e aluno, e sua importância como fator fundamental para o desenvolvimento cognitivo do indivíduo. Com isso responder a algumas inquietações que procurei utilizar como questões norteadoras para a pesquisa como: O que é afetividade na visão entre professor e aluno? Existe relação entre a afetividade e o processo de ensino aprendizagem? Será que os professores pós-modernos estão preparados para essas novas gerações X,Y,Z?

Portanto, a pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico através de uma teoria fundamentada, nos auxiliará nesse processo para entendermos a visão de teóricos relacionando a abordagem individual de cada um deles, conforme nos relata Chizzotti (2006 P.26), quando diz que: “o autor interpreta e traduz em um texto, zelosamente escrito, com perspicácia, [...] os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa.” Para Antônio Gil (1996, 48), esse tipo de pesquisa, “É desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos

Tem em vista uma análise referente ao assunto, por meio das leituras, visando apresentar a importância da afetividade como um fator facilitador no processo de ensino aprendizagem procurei materiais de outros grandes autores e estudiosos no assunto como: Eugênio Cunha, Claudio J. P. Saltini, Ana Rita Silva Almeida, todos embasados nos grandes teóricos: Wallon, Piaget, Paulo Freire e outros.

2 - OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Relatar a compreensão sobre a importância da relação afetiva e emocional entre professor e aluno, sendo um fator facilitador no processo de aprendizagem de crianças dos anos iniciais do ensino fundamental assim como também ao longo de sua vida escolar.

2.2 OBJETIVOS ESPECIFICOS

- Buscar nas principais obras educacionais e pedagógicas, como Wallon, referências sobre a afetividade no processo de aprendizagem e possíveis influencia na personalidade infantil.
- Analisar e apresentar uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico os benefícios de uma relação estabilizada emocionalmente entre professores e crianças nos anos iniciais do ensino fundamental estendendo para todo o tempo desse processo de aprendizagem.

3 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 - A AFETIVIDADE – Concepção Walloniana

A afetividade de acordo com a concepção de Wallon tem importância no processo de desenvolvimento e também da personalidade, para ele a afetividade é um domínio funcional, que seria a primeira etapa percorrida pelas crianças, anterior à inteligência, devido à maturidade precoce dos centros nervosos. Os movimentos, os impulsos motores antes da fala garantem a sua relação com o meio, e um pouco depois os gestos caracterizam a afetividade desde o período pré-natal, como forma de expressar suas necessidades ainda lactentes, sendo evoluídos com a idade, conforme é apresentado por Almeida (1999), onde acrescenta que se tornam a base das mais variadas emoções:

No recém-nascido, os movimentos assemelham-se a simples descargas ineficientes de energia muscular onde se misturam, sem se combinar, reações tônicas e clônicas, espasmos e a brusca expansão de gestos não coordenados, de automatismos ainda sem aplicação, como sendo os movimentos de pedalada já observáveis nas primeiras semanas. Os primeiros gestos que lhe são úteis são (...) gestos de expressão, não sendo ainda os seus atos suscetíveis de lhe oferecer diretamente alguma das coisas indispensáveis. Aliás, isso é um modo de expressão que permanece completamente afetivo, mas cujas variações podem, finalmente, responder a toda a gama de emoções e, por seu intermédio, a situações variadas, das quais a criança toma assim uma consciência talvez confusa e global, mas veemente. (WALLON, 1959, p. 236, apud, ALMEIDA, 1999, p. 43)

As reações tônicas são uma das atividades musculares estriadas, é a que dá ao músculo uma consistência ou forma estabelecida, já a reação clônica faz com que as miofibrilas que compõe os músculos encolham ou estiquem totalmente, dando movimento ao membro. Ainda para Wallon o movimento é o que traduz a vida psíquica, antes da palavra, para que a criança possa se relacionar com o meio. Com o tempo, e a idade, o dialogo por meio dos movimentos se torna pouco satisfatório e a criança passa a utilizar-se da linguagem, percebendo um meio de

comunicar-se pelo ouvir e o fazer-se ouvir, sentindo o carinho por meio das palavras, surgindo às relações afetivas, ampliando para o respeito e admiração. A influência com o meio faz com que a afetividade manifestada pelos gestos seja transformada, diferenciando, abrindo o período emocional. (ALMEIDA, 1999).

Almeida (1999), ainda de acordo com a teoria Walloniana, apresenta a afetividade como o ponto de partida do desenvolvimento do indivíduo, ou seja conforme as funções dos órgãos vão amadurecendo, as relações das crianças com o meio modificam-se também. A diversificação do meio social e a convivência no ambiente escolar fazem com que haja conquistas afetivas diferenciando de si e do outro, surgindo as bases para a construção do eu, a individualização ocorre aos poucos, passa pelo processo de diferenciação percorrendo os estágios de desenvolvimento. A autora continua mostrando o quanto é deixado de lado a articulação entre o afetivo, cognitivo e o motor nas diversas atividades do ambiente escolar, dessa forma esses aspectos afetivos e motor deixam de ter uma relação e contribuição com o processo de conhecimento, assim dessa mesma forma torna-se desconhecida a ligação entre a afetividade e a inteligência e o quanto uma e outra vão se desenvolvendo junto com o indivíduo, conforme esse vai amadurecendo.

Os movimentos no aspecto motor vão sendo eliminados das atividades escolares, por ser considerados para muitos, características de desatenção. Com isso impedem sua capacidade de representar as emoções. Alguns movimentos indicam estados emocionais que deveriam ser considerados importantes pelo professor em sala de aula, por meio do conhecimento sobre os estados emocionais apresentados através desses movimentos, poderia perceber em que situação a criança se encontra, seja num estado de medo, tensão, alegria, cooperando para saber de que forma o educador poderá lidar com o indivíduo nesse momento, nesses estados de sua emoção, conforme é relatado:

Na verdade, tanto o excesso de movimento quanto sua “ausência” podem revelar a presença de uma determinada emoção. É o caso da alegria, cuja manifestação expressa um escoamento do Tônus e, conseqüentemente, um excesso de movimento. O medo, ao contrário, revela-se em alguns casos pela contração muscular e pela falta de movimento. Por isso, o professor deve também olhar para a “rigidez”. A falta de clareza a respeito da ligação existente entre movimento e emoção interfere, muitas vezes, na relação professor-aluno. O professor pode cometer o engano de interpretar expressões de alegria como indisciplina. Esse erro de leitura normalmente o leva a reagir com irritação diante da simples presença de uma criança hipertônica, já que não se encontra preparado para lidar com suas necessidades posturais. (ALMEIDA, 1999, p. 91).

Ainda é destacado pela autora que muitos professores não estão preparados ou encontram dificuldades para lidar com situações de emoções em sala de aula, talvez por não conhecerem os indicadores de uma emoção, acabam se envolvendo pelo momento e fazem parte do que é chamado de “circuito perverso”. Para Dantas (1992, apud ALMEIDA, 1999, p. 91), o

circuito perverso instala-se quando o indivíduo não consegue reagir de forma corticalizada diante de reações emocionais alheias. Participar desse “circuito perverso”, ocasiona perdas tanto para o aluno e o professor, como desgastes físicos, prejudicando nas atividades pedagógicas.

Outro tipo de afetividade, a de ordem moral, surge quando a criança vive o conflito entre emoção e razão; representação e conhecimento, revelando o estado de maturação, que seria demonstrados no desenvolvimento de certas capacidades, e ainda, a afetividade e sua necessidade, assim como a inteligência e o saber não são imutáveis e nem surgem prontas, elas vão aos poucos evoluindo, tornando-se cognitiva à medida que o indivíduo se desenvolve, ou seja, “uma criança de quatro anos tem mais necessidades de ser ouvida do que ser acariciada e beijada”. A partir desse exemplo apresentado pela autora é nos apresentado a afetividade como sendo muito mais que sentimento, emoção e paixão juntos, até mesmo por que cada um deles surge ao seu tempo e de acordo com as condições maturacionais da afetividade, reações posturais, e o raciocínio. A autora define o sentimento como sendo caracterizado por reações mais pensadas, menos instintivas e diretas. As paixões contam com o raciocínio, e emoção de tipo ocasional, definições importantes já que para o autor, esses conceitos emoção, sentimento, e afetividade são distintos conforme citação abaixo:

Se as teorias intelectualistas da emoção foram possíveis é em razão da preponderância adquirida pelos motivos e imagens intelectuais no domínio dos sentimentos e das paixões. O seu erro foi não terem notado a redução simultânea do aparelho verdadeiramente emocional, de terem confundido emoção e sentimento ou paixão, quando afinal daquela para estes se opera uma transferência funcional que, na criança, depende diretamente da idade. Mas os mais emotivos não se tornam necessariamente os mais sentimentais ou os mais apaixonados, longe disso. Trata-se, com efeito, de tipos diferentes, que mantêm um equilíbrio diferente entre as afetividades psíquicas. (WALLON, 1994, p. 127 apud ALMEIDA 1999, p.52)

Emoção e sentimentos são conceitos que não se confundem (WALLON 1994, apud ALMEIDA 1999, p. 53), para Wallon a emoção é a expressão própria da afetividade, já o sentimento é psicológico, revelando um estado permanente, a emoção por ser orgânica, é efêmera. A afetividade possui os sentimentos de estados mais duradouros e menos orgânicos. Almeida diz que a emoção é representada pelo medo, tristeza, cólera, alegria, timidez. Sendo assim, a afetividade nesse sentido mais amplo evolui para que possa atingir a etapa seguinte, a inteligência, conforme é citado pela autora.

3.2- AFETO NA VISÃO DE CUNHA

Segundo Cunha (2008, p.16), afeto não é uma nova teoria pedagógica, nem mesmo uma nova descoberta científica para dar-nos melhores condições de vida. É simplesmente algo que acompanha o ser humano desde sempre que ele passa a existir, se assim não fosse deixaria de ser humano. Nem tampouco se trata de alguma estratégia que utilizamos para educarmos com palavras, nem gestos de um momento, em um período que estamos mais sensibilizados, frágeis, ou felizes e descontraídos, querendo que todos fiquem contagiados por essas emoções. O autor continua esclarecendo essa questão de afeto como sendo na sua definição etimológica, neutro, expressado por sentimentos de agrado ou desagrado nos mais variados graus, revelando-se amor ou ira, dependendo do momento em que se está vivendo. Quando procede do amor é conhecido como amorosidade, um estímulo para aprendizagem, clareando a mente e concedendo entendimento à consciência, dando ao indivíduo o prazer necessário para que se queira aprender e educar. Ainda nos relata que:

Nossos impulsos emocionais têm início no afeto. Referimo-nos às sensações que se vivenciam no campo dos sentimentos e que nos trazem experiências reais, boas ou ruins. Essas experiências são responsáveis pelo nosso prazer em viver e, em grande parte, pelo sucesso ou insucesso no mundo acadêmico. [...] É por meio do amor que se obtém a saúde mental e emocional. É em razão do amor que sabemos se somos felizes ou não. É por sua ação que nossos alunos são encorajados a romperem os seus limites em voos mais altos e respeitarem voluntariamente os limites estabelecidos para a sua disciplina e aprendizado. (CUNHA, 2008, p. 16)

Para Cunha (2008), a disciplina, e o estabelecer limites, devem ser quando se está amando, pois nos momentos de raiva ou ira, agimos por interesses egoístas, para nós mesmos, querendo educar por “reflexos condicionados”, o que não se consegue. O agir com amor traz palavras e gestos amáveis, conseguindo então o que é almejado, educar. Vivemos em um momento em que na sociedade atual os pais preocupam-se mais em compreender, deixando de preocuparem-se em educar os seus filhos. A escola por sua vez acaba tendo que assumir esse papel, a educação afetiva passa a ser de responsabilidade da escola, por conta da falta de tempo em que os pais estão vivendo, passa então a procurar dar a eles uma boa educação, que visa somente o material e cultural, ou seja, aulas de idiomas, academias de ginásticas, natação, cursos preparatórios diversos, e acesso as novas tecnologias. Aí é que para o autor seria importante as escolas se preocuparem com que estão ensinados, em trazer para seus alunos conceitos sobre famílias, cidadania, ética e valores humanos de todos nós, fazendo com que alcance não só habilidades acadêmicas, mas habilidades emocionais dando-lhes capacidades

para agir diante dos fracassos, falhas, decepções e até com o sucesso. Dessa forma mesmo que não venha amar os conteúdos acadêmicos, amarão o educador, talvez os dois em questão.

Quando o autor refere-se a “gênese afetiva”, ele está nos dizendo sobre a origem da afetividade que é iniciada na escola pela “ação do desejo”, ou seja, todo ser que respira deseja, sendo questão de sobrevivência da alma e do intelecto. Para qualquer ação a o desejo em realizá-lo, o papel da escola e do professor conforme nos relata Cunha é o de dar qualidades a esse desejo, assim como muitos que estão por aí realizando coisas grandes, boas ou ruins impulsionados pelo desejo. Deste modo, Cunha nos fala que na contemporaneidade em que estamos vivendo passa ser um desafio sensibilizar-se tanto professores como escolas, período que para ele é de extrema importância, uma singularidade, seria sensibilizar-se para mudar:

Se não houvesse nada para mudar, não haveria nada para educar. Vygotsky ainda pergunta quais mudanças educativas devem ser realizar-se nos sentimentos, pois todo sentimento é o mesmo mecanismo a algum estímulo do meio. Com efeito, a escola representa um apropriado meio para educar os sentimentos. (VYGOTSKY 2004, apud CUNHA 2008, p. 18).

O autor continua a nos relatar que nos tempos atuais os jovens são direcionados a um insaciável desejo por consumo e satisfação, estimulados a um sucesso imediato, procurando encontrar-se em um estilo de vida esbanjador e materialista, que cada vez ganha mais espaço na vida do indivíduo, enquanto que aspectos religiosos e éticos ficam a uma expectativa educacional, sendo alvo de discussão de valores e estilos de vida. Sendo assim a identidade é formada e transformada em relação ao modelo de representação ou apresentação dos sistemas culturais, levando os jovens a vivenciarem os acertos, mas não seus fracassos, transtornos ou dificuldades. Ainda de acordo com o autor o afeto poderá promover uma educação que não está baseada no passageiro, ou pouco duradoura, mas em experiência que sejam permanentes que deixaram expresso o amor uns aos outros. A qualidade dessa educação fará com que se possa viver mais humanamente nos atos e ações. Cunha encerra sua definição de afeto dizendo que: “O afeto é assim. No mundo atual parece uma novidade, mas ele existe desde que respiramos. Decerto, é uma respiração; transpiração e inspiração para a vida”.

3.3 - AFETIVIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR

Para Cunha (2008, p. 19) a sociedade com sua velocidade a uma mudança estrutural, fez com que cada vez mais o homem e sua identidade sofressem transformação, incutindo no

indivíduo valores externos, expressando as características e objetivos que são valorizados pelo mundo atual. Sendo assim o sujeito age movido pelos acontecimentos, necessidades e manifestação, deixando suas primeiras noções, o desejo, o amor, o afeto por esquecidos, fazendo com que uns vão se afastando dos outros, afastando-se de si mesmo, nos afastando de sermos mais amorosos, carinhosos, afáveis, verdadeiros, fato que para o autor reflete até mesmo na educação, quando ele diz “Muitas crianças e adolescentes não aprendem e recebem conceitos de menos inteligentes, quando, na verdade, está afetivamente carente, afinal, nossa inteligência não só agrega aspectos cognitivos, mas também emocionais.” Segundo o autor, a escola que ajudou a construir o desenvolvimento social, tecnológico e humano, acabou por não acompanhando as questões emocionais e de afeto. Sendo exigidos dos educadores, esforços grandiosos a essas mudanças, tanto no aspecto materiais e científicos, quanto afetivos, em razão das alterações nos núcleos familiares e sociais.

Cunha (2008) faz um relato sobre a história da educação, para que possa dizer que a organização muitas vezes impede que se tente de tudo para uma mudança que se possa alcançar uma qualidade nos aspectos apresentados acima. A educação na Grécia antiga era aristocrática baseada nos feitos bélicos, para os antigos gregos a escola era um lugar de descanso, ocupação para um homem ócio, estava livre de trabalho servil. A educação era voltada para o individualismo e a competição, era preciso ser o melhor, o primeiro em tudo. O indivíduo deveria saber ter desde bons modos até a usar armas, praticar jogos, esportes, desenvolvendo fisicamente, deveria dançar, conhecer sobre músicas, possuir uma ótima oratória, aulas que eram ministradas nas casas dos nobres. Espartas tornou-se militarista, Atenas era organizada politicamente, as reformas democráticas foram realizadas por seus legisladores que promoveram avanços na medicina, filosofia, e artes, promovia também a educação cívica, política e espiritual, o ginásio proposto para atividades físicas era usado para a escola intelectual, recebendo os filósofos. Esparta valorizava o lado físico e Atenas, a razão e a inteligência.

O surgimento da pedagogia como ciência da educação, que estabelecia o homem como centro, nasceu na Grécia, onde o escravo era o pedagogo que levava as crianças para a escola e ensinava as tarefas em casa. Os principais representantes da educação para a época eram Sócrates, Platão, Aristóteles e Isócrates. Assim como os gregos os romanos não valorizavam os trabalhos manuais. Um único momento da história relatado por Cunha em que a educação era ligada à vida, foi no período do Cristianismo, onde o autor assevera que:

[...] Cristo do ponto de vista pedagógico, foi um grande educador, popular e bem-sucedido. Seus ensinamentos ligavam-se essencialmente à vida. A pedagogia de Jesus era concreta. Suas palavras advinham do “calor dos fatos”, motivadas por suas

numerosas andanças pela Palestina. (GADOTTI, 2005, p.51 apud CUNHA, 2008, p. 25).

Tendo um declínio da cultura Greco-romana, devido a decadência do Império Romano e invasões dos “bárbaros”. O autor descreve uma linha do tempo da história da educação desde por volta de 1200 a 800 anos antes de Cristo até os tempos atuais onde declara que:

A nossa intenção não é a feitura de um livro sobre a história da educação, mas observar como a escola foi alicerçada sobre pilares que não promoveram um ensino democrático, afetivo e acessível a todos, com reflexo na cultura que se estabeleceu na relação entre professor e aluno. Também é bom salientar que o conformismo que se hospedou durante anos, fomentando a opacidade em nossos olhos, não nos permitiu ver o que deveria ser mudado ao longo do tempo, Mas hoje, ainda que de forma tímida, percebe-se que há um movimento na escola que objetiva levantá-la na tentativa de remir o tempo, apesar de ser um desafio extremamente severo. Ao deixar de fora no processo educativo liberdade, a livre escolha, o livre acesso, a promulgação da autonomia, dentre tantos pilares da educação, a escola excluiu, de forma pragmática, o afeto nas relações de ensino aprendizagem. (CUNHA 2008, p. 28).

Cunha (2008, p. 28 e 29) nos chama a atenção para grandes feitos de homens como Santos Dumont, Einstein, curas de doenças que antes eram incuráveis, descobertas de vacinas, viagens a lua, avanços tecnológicos, mundo virtual e tantos outros que influenciaram diretamente na sociedade, família, trabalho, mudanças que não impediram que paradigmas estabelecidos antes na história da educação continuassem se repetindo. Deixando de se basear a educação no que faria com que o homem superasse a si mesmo e seus limites, para uma igualdade, o amor.

O fracasso escolar na educação, por causa do afeto que se tem deixado fora de sala de aula, promovendo o tecnicismo, a separação entre razão e emoção, assim como pela própria realização pessoal e satisfação egoísta em dividir o conhecimento. Para ele, a escola, é o lugar ideal para dar impulso a vida, de forma plena, sem desperdiçar, demonstrando a coletividade na individualização, sendo participantes do dia a dia apresentando conhecimentos através do afeto. A escola é uma árvore. A árvore é alimentada e alimenta. Abriga e ensina aos passantes à sua sombra. Sustenta os que se aconchegam e fazem seus ninhos e, como pássaros, prepara ali uma nova geração para voar. (CUNHA, 2008, p. 31).

3.4 - Educação do século XXI

Para Saltini (2008 p. 54), as escolas assim como os educadores deveriam repensar em qual seria a melhor forma para servir ao desenvolvimento como condição humana relacionada ao ser e não ao ter. No sentido de ajudar ao indivíduo a absorver e digerir as problemáticas que vão surgindo ao longo de sua existência, fazendo-o entender o porquê de muitos

acontecimentos, como por exemplo, usado pelo próprio autor o nascimento, no contexto de fazê-lo entender como chegou ao mundo sem a sua vontade e como será retirado dele sem a sua vontade, como saber lidar com diversos tipos de emoções desde o sofrimento, a alegria, medo, relacionar-se consigo e com os outros.

O autor completa dizendo que a educação preocupa-se mais em fazer conhecer os objetos a nossa volta do que ao indivíduo que nos relacionamos tanto interno como externo. Para ele não é simplesmente buscar uma nova maneira de educar, mas sim uma transformação sobre o conceito e a significação de educação, que o homem não vive somente interagindo como o meio exterior, e sim também com o seu interior, que é o seu desejo, sua fantasia, seu sofrimento. Os muitos anos que passamos em um ambiente escolar onde além de se preocuparem em que se tenham novos conhecimentos devem levar em conta suas variações dos acontecimentos de dores, prazer, ou seja, uma construção de estruturas cognitivas, provindas de experiências, vivências e interação com o meio.

Para que uma educação seja válida, toda a ação educativa deverá necessariamente ser precedida de uma reflexão sobre o homem, e uma análise profunda do meio de vida concreta daquele que se quer educar. Sem esta reflexão sobre o homem, arriscamos adotar métodos educativos e de agir de tal modo que o homem ficaria reduzido à condição de objeto. Sem a análise do meio cultural e concreto, corremos o risco de realizar uma educação pré-fabricada e castradora.

Para ser válida, a educação deverá levar em conta que o fator primordial do homem, sua vocação ontológica, é aquela de Ser-Sujeito nas condições em que ele vive; em um lugar preciso, em um momento e num certo contexto. (FREIRE, 1974, p. 37 apud SALTINI, 2008, p. 35).

Segundo Saltini (2008), “o homem é sempre o resultado da ação da transformação de uma realidade, de sua adaptação a ela e da consciência de sua capacidade de transformá-la.” Com isso o autor na fala sobre uma transformação educativa que buscam um “Homem Melhor” que será sujeito por meio de uma consciência e uma reflexão sobre sua situação, sobre seu meio, podendo assim transformá-lo. Sendo o preceito que desenvolverá a autonomia intelectual e emocional. O autor nos leva a refletir sobre a educação grega, onde o homem é mais importante que o objeto. Faz-nos também pensar na resposta para duas perguntas: “O que nos leva a ser educadores? O que nos anima e fornece tanta energia neste trabalho tão pouco valorizado na cultura ocidental no final deste século?” Para o autor a educação tem tudo a ver com um mundo de sensações e conscientização na elaboração de concepções e de conceitos, não se pode pensá-la como mera informação, não se deve refletir somente por suas disciplinas, mas como um meio de gerar vida, fazendo o indivíduo se aposar dela.

No resgate de um passado pleno de experiências, o mundo hoje se torna significativo. Então, faz-se necessário adverti-los de que o investimento afetivo nas inúmeras

relações que se estabelecem, tais como: adulto/criança, professor/aluno, mestre/discípulo, mãe/bebê, construirão não somente o físico deste ser humano, mas acima de tudo o homem-ser, capaz de inventar, criar, renovar e descobrir. (SALTINI, 2008, p. 55).

Saltini (2008) nos fala, sobre o tempo que passamos na escola, anos somente ouvindo o professor sem que sejamos ouvidos, conta o autor sobre um professor que lecionava física e matemática, mas que também operava um maquinário do cinema na escola, e num desses dias ele olhando pelo buraco da fechadura para ver como funcionava aquela máquina, seu professor aparece, ele ainda uma criança pede desculpas e diz que está indo embora. O professor então diz a ele para entrar e explica como tudo funcionava, ele ficou surpreso com a atitude daquele educador, esperava que fosse castigado, e daquele dia em diante passou a amar física chegando a cursar a faculdade sem concluí-la depois. Com esse relato sobre sua vida o autor nos chama a atenção para o que realmente impulsiona o desenvolvimento das estruturas do pensamento e do conhecimento, acrescentando que ao falarmos da inteligência e aprendizagem, precisamos expor sempre à emoção, às ligações e às inter-relações afetivas. Para ele o desenvolvimento da inteligência seria impossível sem um desenvolvimento integrado e tendencioso para o despertar de um interesse e amor por tudo ao nosso redor, tudo que podemos tocar, olhar, que alimenta nossa curiosidade:

A escola não deve esperar que as crianças façam tudo o que querem, mas que elas queiram tudo o que fazem e que ajam e não sejam forçadas à ação. [...] O que se deve fazer é explorar seus interesses, ligar a eles, isto é, à sua vida o que se deseja ensinar. A didática deve transformar os fins futuros a que visam os programas escolares em interesses presentes para a criança. (CLAPARÉDE 1954, p. 301-2 apud SALTINI, 2008, p. 57).

Segundo Saltini (2008, p. 97) “a escola é especialista em tirar a coragem e a iniciativa de seus alunos”, devido à forma como educadores se posicionam frente a uma criança, acreditando que essa não possui a capacidade de pensar, fazendo com que elas acreditem nessa ideia desvalorizando-se em sua vida estudantil. Para o autor o educador não deve passar o tempo todo falando sem parar, mas estabelecer um vínculo de amizade e confiança, por meio da afetividade buscando motivar sua energia interna. Educador que dê crédito a ideias de seus alunos e que os ajude a pôr seus pensamentos em prática nas suas vidas.

A “postura” adotada pelo professor, de acordo com Saltini (2008, p.97) é proveniente da relação educativa, um conjunto de atitudes derivadas da forma de estar, de se conduzir e de interpretar o ato educativo, ou seja, uma compreensão que se tem do homem que está para aprender e conhecer, de um conjunto de ideias que se tem, de como o indivíduo aprende, para que aprende e onde deseja chegar. O autor dá como certo uma citação: “Equilíbrio e estrutura são dois aspectos complementares de toda organização do pensamento” (PIAGET, 1970, p.

213 apud SALTINI 2008,p. 97), para afirmar que é essa concepção que deveria ser a base para uma nova “postura”, uma nova visão, contrária daquela onde sua compreensão de educação é a de que o conhecimento é mera procura por informação.

Sendo assim, para o autor o professor com uma nova “postura” aproveitará todo tipo de ato realizado pela criança, gesto, palavras para que se possa ampliar ainda mais seu pensamento, interferindo para uma assimilação plena e satisfatória, e de uma forma prática a criança poderá compreender os limites de suas ações e até onde chegará o efeito que por elas serão produzidos. “O educador sensível é aquele que questiona suas ações baseando-se na abordagem que a criança faz da realidade, verbalizando uma realidade vista a seu modo (criança), com suas capacidades estruturais, funcionais e afetivas.” (SALTINI, 2008, p. 98).

3.5 - A EDUCAÇÃO NA ERA PÓS-MODERNA

Segundo Albuquerque (2014, p. 10), espera-se que a escola, assim como seus educadores estejam preparados para as gerações que ela denomina “X, Y, Z, crianças e jovens com habilidades multifacetadas”. Algumas questões são levantadas pela escritora levando-nos a refletir sobre as práticas pedagógicas que por muitas vezes não são suficientes, tornando-se distantes do mundo no qual eles estão inseridos, no que diz respeito a valores e comportamentos, que acabam se posicionando de forma contrária aos seus professores e muitas vezes a própria sociedade em geral. Para a autora a escola tem um “grande desafio”, o de compreender esse aluno, crianças que vivem conectadas com a internet, com múltiplas habilidades, e um dinamismo intelectual. Para Albuquerque:

[...] é parte desse ponto de chegada, e, para alcançar o ponto de chegada, é necessário refletir acerca do próprio ponto de partida. A lógica dialética de Hegel – “Na semente está a árvore” – nos faz refletir como a semente é o em si da árvore; uma semente é um momento do processo, ou seja, a ideia de semente corresponde ao início. Então, o desafio da escola é desenvolver um novo paradigma baseado no sentimento, no afeto, com foco nas virtudes, significar mais o sentir que o racionalizar, portanto preparar o ponto de chegada. (ALBUQUERQUE, 2014 p. 10).

Albuquerque (2014, p. 11) enfatiza sobre “Novos alunos, nova escola”, pelo fato de que é a educação a responsável em civilizar “o homem como humano”, e torná-lo participante do futuro de uma nação, sendo assim à medida que os alunos vão se diversificando, se transformando há uma necessidade de haver uma transformação da escola como um todo. Para ela, “a aprendizagem do homem é um fenômeno natural, e, cada vez que socializamos as

peças e as integramos na sociedade, elas se transformam e tornam-se mais aptas a promover a harmonia, a compreensão, a tolerância e a paz”. Desde a Revolução Industrial até os tempos de hoje a escola busca ensinar por meio das disciplinas básicas, que seriam a matemática, escrita, e leitura, não houve mudanças nesses aspectos, muitas coisas evoluíram de lá para cá, até mesmo os alunos mudaram, mas a escola continua com o mesmo processo, e para Albuquerque as mudanças devem começar na “semente da árvore”.

Ainda hoje se ensina as mesmas coisas que no passado, sendo que para essas novas gerações não é suficiente. De acordo com Albuquerque (2014, p.11), por estar sendo desenvolvidas somente as “competências de sobrevivências: o pensamento crítico e a capacidade de resolução de problemas, a iniciativa e empreendedorismo, a colaboração, a agilidade e adaptabilidade, boa comunicação oral e escrita, capacidade de obter informação e analisá-la e, finalmente, curiosidade e imaginação. ”

Para entendermos melhor que tipos de gerações são essas a escritora nos explica as diferenças e semelhanças entre elas. A geração X surge por volta da década de 1960 até os anos 1970, sua característica é a de apresentar resistência ao novo e insegurança, em seu período surgiu a tecnologia no Brasil. A geração Y aparece na década de 1980 vivencia os progressos da tecnologia e quebras de paradigmas, suas características são multifacetadas, os que fazem muitas coisas ao mesmo tempo, como: ouvir música, pesquisar na internet, acessar seus e-mails, e cumprir com os trabalhos escolares; querem sempre ter novas experiências, e promoção no trabalho de forma rápida. A geração X prefere a tranquilidade, estabilidade, equilíbrio; a geração Y quer movimento, inovar sempre, e lutar para alcançar seus objetivos. Para Albuquerque (2014, p.10), tais contrastes dificultam os relacionamentos e as expectativas entre alunos e professores. A geração Z corresponde aos jovens nascidos por volta dos anos 1990, ou seja não saíram ainda da escola para o mercado de trabalho, comparado seu perfil com a exigência, tudo indica que terão problemas em trabalhar em equipe, trabalhos coletivos, para isso requer respeito, tolerância, aspectos que não condiz com seu comportamento individualista, por viverem conectados à internet, os relacionamentos familiares se deterioram fazendo com que se isolem. São também excêntricos, imediatistas, sem paciência com os mais velhos em relação a aparelhos eletrônicos ou de informática.

Segundo Albuquerque (2014, p. 11), a diferença é que a nova geração apresenta todas as características de forma mais acentuada, devido ao seu desenvolvimento junto com a tecnologia, são preocupados com o meio ambiente, causas sociais, querem contribuir para a sustentabilidade, escolher melhor, sendo críticos, e consumindo de forma consciente. Sendo assim a autora nos escreve:

Para os sociólogos, a velocidade permeia também o marco da mudança geracional, que hoje gira em torno de 10 a 15 anos; assim, observa-se que as diversas gerações convivem entre si, mas em diferentes estágios e técnicas de comunicação; dessa forma, podemos chamar os jovens do futuro de Geração da Esperança, isto é, uma nova geração que constituirá um mundo melhor, com muito mais solidariedade, paz e igualdade entre os povos. (ALBUQUERQUE 2014, p.13).

3.6 - Professores e Alunos Pós-modernos

No artigo escrito por Albuquerque (2014, p.14) é nos apresentado que “ser aluno hoje é ser agente de elaboração do conhecimento, é estar numa contraposição de experiências professor-aluno, e isso só acontece quando o aluno debate e exige do professor quando o questiona.” Para a autora o aluno de hoje, que seria o de “Geração Z”, vem para a escola com uma bagagem de conhecimentos, sem contar o que diz respeito a tecnologias, tendo a escola como o ultimo espaço envolvido com a aprendizagem. Para ela as condições socioeconômicas onde duas classes são claramente distintas, os ricos e os pobres, os ricos estudam em escolas particulares onde o estudo é considerado de qualidade, com os melhores professores.

Já os alunos pobres estudam em redes públicas, esses têm o conceito de estudar para, o que é denominado por Albuquerque (2014, p. 10), “serem alguém na vida, mesmo que ser alguém signifique ser usado e tratado como coisa para produzir coisas, que acabam dando grandes lucros para seus proprietários.” No futuro os alunos das redes particulares acabam indo para as universidades públicas, devido ao ensino de qualidade que receberam ao longo de sua vida, os que passaram suas vidas em escolas publicas vão para as faculdades particulares, onde os vestibulares são razoáveis. Esses alunos de nível superior também demonstram atenção, não sente estímulos para aprender.

Quanto aos professores, para Albuquerque (2014, p.12), têm que constantemente viver com a violência e incontáveis direitos como o Estatuto da Criança e do Adolescente, agressões físicas e verbais, gangues e tráfico de drogas no ambiente escolar, ou seja, uma incessante apreensão e incertezas. Conforme é relatado por Albuquerque (2014, p.13) “as pesquisas enfatizam o grande percentual de violência nas escolas, desde a ação de conter a indisciplina até a prática pedagógica que se torna inviável em decorrência da falta de estrutura escolar”. Por muitas vezes tem que lecionar em áreas que não se familiarizam. Para a escritora:

Na verdade, ser professor hoje é acreditar no desenvolvimento da sociedade, buscar a transformação da humanidade e, sem dúvida, aquele que permanece na profissão tem como objetivo não só transformar a informação em conhecimento, mas desenvolver a consciência crítica e praticar a pedagogia da esperança. [...] é nesse contexto que se desenvolve a capacidade de selecionar a informação, tratá-la e ser capaz de maneira

organizada, atingir o objetivo proposto, portanto desenvolver no estudante a autonomia, a criatividade. (ALBUQUERQUE, 2014, p. 15)

De acordo com o escrito de Albuquerque (2014, p.15), a escola começou a mudar, mas ainda continua “inspirada no cartesiano, que privilegia tudo o que é racional, esquecendo-se do que é emocional”. Isso faz com que competência racional seja aprimorada, deixando de lado o que corresponde ao emocional, precisando de alguma forma encontrar o equilíbrio entre a “razão e arte”, como é referido pela autora, que em sua opinião é indispensável rever a escola e a educação, refletir no tipo de aluno que deixaremos para o mundo, que ação, e de que forma superaremos os desafios de hoje e do futuro, para que possa dar oportunidade a um quinto pilar da educação do século XXI, o amor, ou seja, “Plantar a semente...na semente está a árvore”. Permitindo que sujeitos efetivamente se transformem, tornando possível amar, se for o caso conforme refere a autora “reaprendendo a amar”.

4 - CONCLUSÃO

Por meio dos aspectos fundamentados nas discussões dos autores, conclui-se que a afetividade manifestada na relação entre professor e aluno constitui elemento inseparável no processo de construção do conhecimento, no processo de desenvolvimento e também da personalidade, uma vez que a qualidade da interação pedagógica vai conferir um sentido afetivo para o objeto de conhecimento. É a ideia de afetividade em sala de aula que devemos defender para nossos dias, para uma nova geração de pedagogos, preocupados em formar mentes pensantes e que possam contribuir para o meio no qual estão inseridos, educadores que acreditam em uma educação inovadora, transformadora e acima de tudo humanizada, afetiva e emocional, que visa a construção de uma sociedade melhor, com indivíduos que sejam capazes de compreenderem suas emoções lidando com seus sentimentos, crescendo seguros ao se depararem com questões no qual serão necessário a sua tomada de decisões e atitudes de forma consciente.

A posição de especialistas da educação sobre a construção do conhecimento, e desenvolvimento nos levou a visualizar de forma clara e objetiva o formato que queremos em sala de aula, com educadores conscientes de seu papel e suas responsabilidades ao lidarem com crianças que no futuro exercerão diversos tipos de profissões. A presença de diálogo e um relacionamento com empatia entre professores e alunos, faz com que o ambiente de sala de aula seja harmônico e descontraído, expressando ali as suas opiniões, onde cada ser seja respeitado

e valorizado, cada um dentro de seu espaço. Um ambiente acolhedor onde a afetividade é sentida por todos, desperta o desejo de ali estar e de sempre retornar, pois sabe-se que serão bem aceitos e esperados, que suas dúvidas e curiosidades serão sanadas, sentindo-se livres para expressarem suas ideias e expectativas com a certeza de que cada dia haverá novas descobertas.

Portanto, foi considerado nesse trabalho a importância da afetividade como facilitadora desse processo, que influenciará ao longo de toda uma vida escolar e emocional do indivíduo de forma que o processo educativo alcance seu objetivo, preocupando-se com a formação de alunos em seus aspectos físicos, cognitivos, emocionais, e afetivos de forma individual.

5 - REFERENCIAS

ALBUQUERQUE, Rosangela Nieto. Construir notícias, Ano 13, nº75, **Revista Formando Cidadãos Editora**, 2014

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. Campinas, SP: Papirus Editora, 1999

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes Editora, 2006

CUNHA, Antônio Eugênio. **Afeto e aprendizagem**: amorosidade e saber na prática pedagógica. Rio de Janeiro: Wak Editora. 2008

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas Editora, 1996

SALTINI, Cláudio João Paulo. **Afetividade e inteligência**. 5.ed. Rio de Janeiro: Wak Editora. 2008